



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RAFAEL DOS SANTOS

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-398

Entrevistado: Rafael dos Santos

Nascimento: 05/10/1980

Local da entrevista: Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

Entrevistadora: Suélen de Souza Andres

Data da entrevista: 20/03/2014

Transcrição: Natália Bender.

Copidesque: Suélen de Souza Andres

Pesquisa: Suélen de Souza Andres

Revisão: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 23 minutos e 5 segundos.

Páginas Digitadas: nove

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Suélen de Souza Andres intitulada *Mulheres e handebol no Rio Grande do Sul: narrativas sobre o processo de "profissionalização" da modalidade* realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Tempo de dedicação ao handebol; Início da carreira; Início da trajetória na Universidade de Caxias do Sul; Trajetória dentro do esporte até chegar ao Handebol; Principal dificuldade encontrada pelos técnicos; Dificuldades encontradas pelas atletas; Como se configura um profissional do handebol; Presença do público nos jogos; Relação do handebol com os meios de comunicação; Papel da Confederação Gaúcha e da Federação Brasileira de Handebol; Profissionalização do handebol; Maior visibilidade do Handebol; Chance da medalha Olímpica; Falta de incentivo financeiro; Considerações finais.

Porto Alegre, 20 de março de 2014. Entrevista com Rafael dos Santos a cargo da pesquisadora Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.A. – Rafael, quanto tempo tu tens dedicado ao Handebol?

R.S. – De trabalho para o Handebol?

S.A. – Isso.

R.S. – Eu trabalho com o Handebol desde 2004.

S.A. – 2004. E desde 2004 é com o feminino?

R.S. – Eu comecei no feminino adulto com a preparação física, depois passei a auxiliar as categorias de base auxiliando na preparação física das categorias de base. Depois introduzimos o masculino, onde atuei como técnico e posteriormente fui auxiliar técnico do feminino também nas categorias de base.

S.A. – E quanto tempo tu tem dedicado ao time da UCS¹ hoje?

R.S. – Em horas por dia?

S.A. – Não, não, quanto tempo tu já trabalha com a equipe da UCS?

R.S. – Desde 2004.

S.A. – Desde 2004, sempre foi aqui?

R.S. – Eu comecei aqui e não sai mais.

S.A. – Conta um pouquinho da tua trajetória com o esporte até chegar ao handebol.

R.S. – Eu comecei jogando futsal e quando entrei na Educação Física logo em seguida já comecei a trabalhar no esporte. Trabalhava com recreação voltada para o futsal, escolinha maternal. Logo após fui convidado para ser preparador físico e trabalhar com escolinhas no Caxias², com futebol. Fiquei dois anos e acabei indo para o futsal do Vasco³, voltando para o futsal. Trabalhei pelo Vasco em 2000 até 2002. Em 2003 me convidaram para trabalhar no futsal da UCS, com o feminino, porque eles queriam reabrir o feminino. Mas no final de 2003 teve uma troca na gestão do handebol e eu passei a trabalhar com o handebol da universidade, como eu nunca tinha trabalhado e vivido nada em relação a Handebol, comecei com a preparação física, já que trabalhava com isso desde 1999, já eram cinco anos trabalhando em cima disso. Entrei para o handebol e comecei a me dedicar quase que exclusivamente a isso, larguei o futsal, passando a jogar alguns campeonatos que não interferisse no meu trabalho aqui, e paralelamente com o handebol depois, assumi algumas outras atividades, sendo elas, uma na parte administrativa do Juventude⁴, na gestão do futsal, quando passou a ter as escolinhas. Dei aulas no município de Antônio Prado, de quinta a oitava série, mais voltado para o esporte. Nesse período, iniciei na Secretaria de Esporte e Lazer um trabalho com o handebol, voltado para as escolinhas dos núcleos sociais. [Interrupção]. Então, estávamos falando do histórico. Nesse meio tempo também fui preparador físico da Prefeitura de São José do Rio Preto, durante um ano, depois dois anos na prefeitura de Marília e outros dois anos na prefeitura de Votuporanga, todas localizadas no interior de São Paulo. Assim ligado mais ao esporte é isso. Hoje além do Handebol, tenho uma empresa de marketing esportivo.

S.A. – Hoje o que tu vês como a principal dificuldade enfrentada pelos profissionais que pretendem viver do handebol feminino?

R.S. – É mais o salário. Tu tens que abrir mão de horários de exclusividade com o handebol para conseguir tirar a fonte de renda em outros trabalhos. Hoje se tu pegar aqui em Caxias, não só em Caxias, mas no estado inteiro, eu desconheço algum técnico que viva exclusivamente do handebol, que não de aula para cumprir, para ajudar no orçamento,

¹ Universidade Caxias do Sul - Caxias do Sul, RS.

² Duque de Caxias Futebol Clube - Caxias do Sul, RS.

³ Escolinha de futsal Vasco da Gama - Caxias do Sul, RS.

⁴ Esporte Clube Juventude - Caxias do Sul, RS.

acho que um dos poucos que trabalhava só com o handebol até o ano em que abri a empresa, era só eu. Todos os outros que trabalham com handebol, acabam dando aulas em escolas e o handebol acaba ficando como um trabalho secundário.

S.A. – E para as atletas funciona no mesmo esquema?

R.S. – Na verdade se tu fores ver, no adulto feminino tem duas equipes no estado e as duas são profissionais. Profissionais no modo de falar, porque as atletas trabalham exclusivamente para a equipe, fora isso não tem mais outra equipe. É difícil conciliar horários de técnico e atletas, muitas vezes os treinos acabam sendo à noite para conseguir agregar todo mundo, só que daí a maioria dessas atletas estudam, tem aulas, então, fica bem complicado. A gente entende que isso é difícil, atualmente as duas equipes que tem adulto no estado, as duas pagam salário. Daí tu vê, no ano passado não teve campeonato estadual adulto porque a outra equipe não quis participar, com uma só não saiu o campeonato.

S.A. – E Rafael, o que configura ser um profissional do handebol, um profissional do esporte?

R.S. – Olha, vamos dizer assim, profissional do handebol e profissional, para a gente chamar de profissional tem muito pouco, tem pessoas que trabalham com o esporte, tem pessoas que dedicam algumas horas do seu dia para o esporte, mas profissional do esporte, aquele que está inteirado de tudo que acontece tanto na parte administrativa quanto na parte de quadra, isso aí não são muitos, que vivem exclusivamente para isso. Para o handebol é como te falei, são poucos. O profissional tem que saber de tudo, desde tu conseguires fazer uma transferência, saber a documentação que vai precisar, com quem se fala, até chegar na hora do treino e dar um treino de qualidade com o que tem de melhor hoje no mundo. Aqui pelo menos a gente busca ao máximo, estar sempre em intercâmbio com o pessoal que está na Europa para saber o que está acontecendo lá, se especializa através de cursos e palestras e principalmente buscar o que tem de melhor no mundo para por em prática na quadra. Os melhores clubes do mundo estão na Europa, então, a gente busca o que eles têm lá, o que eles estão fazendo e traz para cá. Eu acho que é isso, é buscar sempre o que tem de melhor na sua área, seja ela administrativa ou técnica e

entender de tudo um pouquinho, para poder gerenciar. Até porque todos os clubes não têm uma estrutura formada de gerência do esporte, então se esse profissional conseguir ajudar nessa gerência, cada um faz sua parte.

S.A. – E em relação ao público, como é que é a presença do público nos jogos?

R.S. – Diria que cinquenta por cento do público é ligado às atletas ou ao esporte de um modo geral, ao handebol, ex-atletas, pais de atletas, amigos de atletas, isso é cinquenta por cento do nosso público. Os outros cinquenta por cento é o público em geral, pessoas que gostam de esporte e vem assistir, aquele universitário que está no horário de folga e tem o jogo aqui e vem assistir. Claro que varia muito de acordo com a posição que estamos na tabela, com a sequência de jogos bons ou ruins, isso influencia bastante, se o adversário é de qualidade ou não. Nosso público hoje aqui em Caxias, comparado ao ano passado, ele é melhor do que três times que disputaram o Gauchão⁵ na série A. São três times de futebol que tiveram a média de público inferior a nossa, então a gente não tem do que reclamar. Mas a gente entende que quando o time está mal o público não vem, quando o time está em alta, o público vem.

S.A. – E como é que está a relação do handebol feminino com os meios de comunicação, com os times do Rio Grande do Sul e com os de todo Brasil, numa visão geral?

R.S. – Vamos começar assim pela cidade. A nossa relação com os meios de comunicação é excelente aqui, eles dão todo o respaldo possível, sempre que tem alguma coisa eles tentam noticiar, então aqui não tem muito problema. Novo Hamburgo a mesma coisa, que é outro que tem time principal, e Santa Maria a mesma coisa, então a principio quando se trata de regionalidade, os times principais conseguem respaldo da mídia. A nível estadual, pegamos a Zero Hora, O Sul, Correio do Povo, Jornais impressos, RBS TV, SBT, Band, Tvcom, muito pouco, sabe, só eventos isolados. Vai ter uma reportagem grande, uma ou duas vezes por ano e ponto. A nossa RBS TV Caxias, teve duas matérias de um minuto e meio durante o ano, se restringindo a isso. Agora a nível nacional, um tempo atrás a Confederação Brasileira de Handebol deixou os direitos de televisionar as partidas de Handebol para Rede Record. Mas tinha uma briga interna entre a Record e Globo, então a

Record simplesmente ficou com os direitos e guardou o handebol, passou um ou dois jogos e só. Sendo que foi prometido aquele ano que iriam ter jogos ao vivo, que iriam passar na TV e no fim nada aconteceu. Simplesmente guardaram os direitos, não dividiram e também não passaram na TV. Mesmo assim, saíram algumas matérias durante o ano e passou alguns joguinhos da Seleção. Depois a Globo retomou, a Sport TV, os jogos eram transmitidos pela ESPN em canal fechado. Mas para isso a gente paga uma cota na Liga Nacional de Inscrição, essa cota era repassada para a TV que ficava responsável pela locação do horário de televisão. Então a Globo comprou e alguns jogos da Liga Nacional, da fase final, foram transmitidos pela Sport TV. A expectativa é que tivesse o mesmo nível do que hoje tem a Super Liga de Vôlei, ou que tem o NBB⁶, com jogos transmitidos ao vivo pela Sport TV, tanto faz se for Sport TV um ou dois, e algumas chamadas no Globo Esporte, como é de praxe deles. Até hoje isso não aconteceu, não é culpa da Federação, talvez seja falta de interesse da mídia, enfim. E agora com o título do Mundial de Handebol, conquistado no ano passado, está todo mundo esperando que abra um espaço maior na mídia, mas abriu naquele período onde a memória estava fresca e ainda lembravam. Até agora nada, então vou esperar pela Liga Nacional que inicia em agosto e ver se retoma essa parte de TV.

S.A. – E como você vê o papel da Federação Gaúcha e da Confederação Brasileira de Handebol no cenário do handebol feminino?

R.S. – Ah, eles fazem muito bem a parte administrativa, eles administrativamente tentam cumprir o máximo o papel que lhes cabe, a Confederação agora conseguiu um bom apoio financeiramente dos Correios e do Banco do Brasil. Com isso eles conseguem subsídios maiores e um investimento melhor, mas ainda falta investimento nos clubes, falta repassar esse investimento para os clubes, e isso é uma reivindicação a nível nacional, eles investem muito em Seleção, mas muito pouco em clube, daqui uns dias vai faltar clube, vai faltar atleta. Pelo menos o investimento na Seleção rendeu frutos, com a conquista do Mundial. A nível estadual nem se fala, falta investimento da iniciativa privada, falta um pouco do apoio público, então fica restrito a parte administrativa, gerir o handebol eles gerem direitinho, fazer tabela e realizar os campeonatos, isso está tranquilo.

⁵ Campeonato estadual de futebol praticado por homens;

⁶ Liga Nacional de Basquete;

S.A. – E em sua opinião, o que poderia ser feito para que o handebol se constitua uma possibilidade concreta de profissão para essas meninas, mulheres que estão jogando?

R.S. – Profissionalizar. Quando digo profissionalizar, não digo de tornar um esporte profissional e pagar com carteira assinada, o profissionalizar que me refiro, é os clubes conseguirem fazer uma gestão qualificada desde a parte de divulgação da equipe, de marketing, de postura de atleta, postura de comissão técnica, envolvimento da comunidade, e fatores que hoje tornam o futebol o esporte, vamos dizer assim, profissional. Falta investimento de dinheiro? Falta investimento financeiro sim, bastante. Mas a partir do momento que tu tens uma comunidade envolvida, esse retorno financeiro pode ficar mais fácil, a mídia pode ajudar. A partir do momento que uma TV aberta abre um espacinho semanal na sua grade para o handebol, vai ter empresas com interesse, essas empresas automaticamente vão investir, vai ter pessoas da cidade que vão ver e vão querer descobrir como funciona esse esporte, e aí sim tu vai pleitear esse dinheiro, mas já com a uma estrutura formada. A estrutura não pode ser formada depois. Nesse meio amador que vivemos pelo menos os dirigentes tem que ser profissionais, eles tem que atuar como se tivesse girando milhões de dinheiro ao redor do esporte e fazer tudo o mais correto possível, para quando toda essa engrenagem se alinhar, eles consigam dizer: “Ah, não, o nosso esporte aqui é profissional, a gente trabalha profissionalmente”. Então a gente quer pleitear esse dinheiro, a gente quer trabalhar em prol do esporte. E isso vai, do dirigente, vai do atleta, que também tem que ser profissional, que também tem que vir e cumprir o seu horário, zelar pelo seu corpo que é o seu instrumento de trabalho, se cuidar não só na hora dos treinos, mas fora também. E falta bastante para o atleta se profissionalizar, é um pouquinho de cada um, falo da iniciativa privada, o poder público, o clube, os atletas, cada um tem que se policiar e tentar se ajeitar o máximo, para quando essa verba começar a fluir a gente poder pleitear.

S.A. – Rafael, alguma coisa que eu não perguntei que tu gostarias de complementar, compartilhar?

R.S. – Mais voltado para o que tu achas?

S.A. – Alguma coisa que tu gostarias de compartilhar que eu não perguntei que tu sentiste falta talvez.

R.S. – Então, é mais essa parte, não é uma indignação, mas é uma expectativa em cima de algumas coisas que nunca vem. Chega a ser engraçado porque depois que a Seleção brasileira foi campeã do mundo, diversos amigos vinham lá: “Ah, meus parabéns, tu teve influência nisso, tu também teve a participação, teve atletas de vocês, teve gente que treinou contigo e tá lá hoje”. “Ah, muito obrigado, eu agradeço pela lembrança.” Agora tudo vai melhorar. Ai vem aquela pequena depressão. Não, talvez não, talvez agora não seja ainda o momento que vai melhorar. Porque a gente se espelha muito no vôlei; o vôlei não era nada no Brasil, a partir do momento que teve a medalha de prata masculina nas Olimpíadas ele deu uma crescadinha, e em Barcelona quando teve a medalha de ouro então explodiu e virou a potência que é hoje. A gente sabe que é só o vôlei ficar inativo por uns quatro ou cinco anos, ter uma geração olímpica que não ganhe nada, o esporte volta lá para baixo. Eu vejo que ainda não foi o momento do handebol, muita gente esperava que fosse nesse campeonato mundial, mas eu acho que ainda não vai ser, que não vai conseguir, não vai ser dessa vez que o esporte vai decolar. Talvez uma medalha olímpica no Brasil, que é o que todo mundo espera.

S.A. – A chance é grande?

R.S. – A chance é grande. Vamos dizer assim, se conseguiu o mundial, tem grande chance de conseguir a Olimpíada. Mas tem muita coisa ainda para melhorar, porque vem tudo da base. A partir do momento que tu tens uma base boa, com os clubes trabalhando direitinho nas categorias de base, tu consegue formar um adulto que chegue até a seleção brasileira e posteriormente mandar elas para fora do país para ter um intercâmbio, melhorar tecnicamente. Porque querendo ou não aqui tu chegas em um clube, seja ele qual for, que tenha diversos atletas, diversas modalidades, se chegar um atleta de dois metros de altura, primeira coisa ele é direcionado para o vôlei, não deu para o vôlei ele vai para o basquete, não deu para o basquete, ainda que ele vai, pode ser que vai para o handebol, mesmo assim ele já deve ter feito teste de futebol como zagueiro ou como atacante em algum clube de futebol e na Europa é o inverso. Olha na Alemanha, chegou no clube um atleta com dois metros de altura, primeira coisa ele vai ir para o Handebol, ele não vai para outros esportes,

então fisicamente os nossos atletas ainda são inferiores aos europeus. O interessante é que eles vão lá para ter essa troca de experiência, principalmente na parte técnica e tática, e acabam voltando com outro pensamento. Até tentamos embutir esse pensamento aqui, mas não é a mesma coisa, eles tem que sair para ver que não é aqui que a gente está tentando forçar uma coisa, isso ai já é assim no mundo inteiro. Falta ainda um empurrãozinho. Eu acho que o empurrão para o estopim no handebol, vamos dizer assim: “Bom, agora vai ser o esporte profissional, vai ganhar dinheiro”... Não ficar rico, ganhar dinheiro para sustentar as suas categorias de base e poder manter, vai ser quando a mídia, a TV aberta, porque a TV fechada não vai adiantar muito, os canais de massa, pelo menos assim se fosse da TV fechada, o Sport TV, não precisava ser a Globo na TV aberta, a Bandeirantes, a Rede TV, alguma de nível nacional. Quando isso acontecer talvez o esporte cresça com o apoio da mídia, se não...

S.A. – Sem chances.

R.S. – Sem chances. Só batalhando assim, a gente vê o governo tanto estadual quanto municipal e federal dá uma mão, leis de incentivo, fundos, quando é lei de incentivo a empresa, só repassar o valor do imposto de renda, não tem custo nenhum, em vez dela dar para o governo, ela teria que repassar para o clube, as empresas não fazem isso, eles não tem custo nenhum, nada, eles não precisam se envolver em nada, é só ao invés deles pagarem um por cento do imposto de renda devido para o governo federal, eles só repassam para o esporte. E não acontece, as empresas não querem, e não é só no handebol, é em qualquer outro esporte. Existe essa dificuldade, e isso principalmente pela falta de profissionalismo dos dirigentes, então é tudo uma coisa interligada a outra. A desconfiança das empresas com os dirigentes, porque não são profissionais. Os dirigentes que cobram das atletas que não são profissionais, que cobram dos dirigentes que não dão o suporte necessário, que dizem que a culpa é das empresas que não dão o dinheiro para eles, então fica esse ciclo, todo mundo se coloca a culpa, mas ninguém colabora um com outro. É complicado, é mais uma indignação, mais um nervosismo, Caxias do Sul é a segunda potência no estado, o segundo metal mecânico no Brasil, só perde para São Bernardo do Campo, tem muito dinheiro girando, só que o dinheiro não chega para o esporte, então como eu falei, uma coisa puxa a outra.

S.A. – Mais alguma coisa?

R.S. – Acho que é só isso.

S.A. – Então em meu nome e em nome do Centro de Memória do Esporte, eu gostaria de agradecer a disponibilidade, pela entrevista e por ter facilitado o contato com as atletas, e no mais, só agradecer mesmo.

R.S. – Quando precisar estamos à disposição.

[FINAL DA ENTREVISTA]